

Legados exemplares: a narrativa sobre a vida e as virtudes nas notas de falecimento da “Revista Adventista”

Allan Macedo de Novaes e Marcio Adriano Tonete Marcelino

Allan Macedo de Novaes

Centro Universitário Adventista de São Paulo – São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: allanmnovaes@gmail.com

ORCID: 0000-0003-2149-6001

Marcio Adriano Tonete Marcelino

Casa Publicadora Brasileira – Tatuí, SP, Brasil.

E-mail: marciotonetti@gmail.com

ORCID: 0000-0003-0953-0123

Resumo: Este artigo analisa como a “Revista Adventista” retrata a vida daqueles cuja memória é registrada na seção de falecimentos do periódico. O corpus da análise restringiu-se a publicações feitas entre junho de 2020 e setembro de 2021, período em que a revista ampliou o número de páginas da seção intitulada “Memória”, a fim de atender à crescente demanda das vítimas da Covid-19. A partir dessa análise foi possível perceber que suas notas de falecimento se concentram mais nos aspectos relacionados à trajetória de vida do que na morte em si. As memórias biográficas dos falecidos seguem um padrão elogioso, com ênfase nas virtudes, as quais retratam modelos de vida e elementos importantes do imaginário adventista. Tal percepção reforça a constatação de outros estudos de que a cultura protestante teve um papel importante na difusão de valores sociais e religiosos por meio de narrativas de cunho biográfico ligadas à morte.

Palavras-chave: Obituário; Morte; Adventismo; Biografia.

Artigo recebido em 03 de novembro de 2021 e aprovado para publicação em 14 março de 2022.

DOI: 10.33871/nupem.2022.14.32.220-236

Exemplary legacy: the narrative of life and virtues in the “Revista Adventista” death notices

Abstract: This article analyzes how “Revista Adventista” portrays the lives of those whose memory is recorded in the death section of the magazine. The analysis was restricted to publications from June 2020 to September 2021, a period in which the magazine increased the number of pages in the “Memory” section, in order to meet the growing demand due to the COVID-19 victims. From this analysis, it was possible to perceive that the death notices focus more on aspects related to the life trajectory than on the death itself. The biographical memories of the deceased follow a eulogistic pattern, with an emphasis on virtues, which portray life models and important elements of the Adventist imaginary. This perception reinforces the findings of other studies, which consider that the Protestant culture has played an important role in the dissemination of social and religious values through biographical narratives linked to death.

Keywords: Obituary; Death; Adventism; Biography.

Legado ejemplar: la narrativa de la vida y las virtudes en las notas de fallecimiento de la “Revista Adventista”

Resumen: Este artículo analiza cómo la “Revista Adventista” retrata la vida de aquellos cuya memoria está registrada en la sección de fallecimiento de la revista. El corpus de análisis se restringió a las publicaciones realizadas entre junio de 2020 y septiembre de 2021, período en el que la revista aumentó el número de páginas en la sección titulada “Memoria”, con el fin de atender la creciente demanda de víctimas de la Covid-19. A partir de este análisis, fue posible percibir que los textos funerarios se enfocan más en aspectos relacionados con la trayectoria de vida que con la muerte misma. Las memorias biográficas de los difuntos siguen un patrón elogioso, con énfasis en las virtudes, que retratan modelos de vida y elementos importantes del imaginario adventista. Esta percepción refuerza los hallazgos de otros estudios de que la cultura protestante jugó un papel importante en la difusión de valores sociales y religiosos a través de narrativas biográficas vinculadas a la muerte.

Palabras clave: Obituario; Muerte; Adventismo; Biografía.

Introdução

A publicação de notas de pesar, listas de falecimento e obituários se tornou bastante difundida na cultura ocidental. Nos últimos anos, essa prática mortuária começou a ganhar terreno inclusive nas plataformas digitais, abrindo caminho para novas possibilidades de construções simbólicas e modos de narrar a vida, a morte e o morrer¹.

Embora historicamente as seções de falecimentos dos jornais tenham servido de fonte para pesquisas em várias áreas do conhecimento, o interesse dos pesquisadores em analisar os fragmentos biográficos presentes nessas narrativas parece ser algo recente e ainda incipiente em países como o Brasil, que não tem tanta tradição nessa área quanto os anglo-saxões². Grosso modo, talvez isso também reflita o fato de o obituário ser considerado um gênero textual em construção; ou mesmo porque, na visão de alguns acadêmicos, a biografia, no sentido amplo do termo, gênero com o qual os obituários dialogam, continua sendo objeto de descrédito por ser interpretada como um “gênero impuro”, que coloca em tensão o desejo de reproduzir o passado realmente vivido e a imaginação do biógrafo (Dosse, 2015, p. 55).

Há que se concordar com o historiador francês François Dosse (2015, p. 10) quando disse, no prefácio à segunda edição de “O desafio biográfico”, que “escrever uma vida é um exercício difícil e delicado”. Afinal, como entendem Avelar e Schmidt (2018, p. 8), “a biografia pode ser, simultaneamente, verdadeira e incapaz de alcançar a vida”. Isso porque, de acordo com eles, “o conjunto dos fatos ligados a um indivíduo, por mais corretamente que seja descrito, não é suficiente para explicá-lo”. Todo exercício biográfico, portanto, não deveria assumir um caráter pretensiosamente totalizante. Assim, deve-se ter consciência dos limites do empreendimento biográfico. O mesmo pode ser dito do intento de trazer a público a síntese da síntese de uma trajetória de vida por meio de um obituário ou nota de falecimento que se resume a poucas linhas.

No entanto, apesar de condensarem detalhes de uma vida em tão pouco espaço, as narrativas fúnebres são carregadas de significado. Provavelmente, “nenhum funeral ou missa teria a força simbólica de reverberar na memória coletiva como um texto publicado na imprensa com o objetivo de ser ‘a última palavra’ sobre a vida de alguém” (Vieira, 2014, p. 14)³. Essa força simbólica estaria também em sua durabilidade e permanência, capaz de superar os monumentos de pedra (Bates; Monroe; Zhuang, 2009).

¹ No contexto da pandemia de Covid-19, por exemplo, surgiram sites como o “Inumeráveis”, criado e mantido por jornalistas e estudantes de Jornalismo com o objetivo de mostrar que as mais de 600 mil vidas ceifadas pelo coronavírus não são apenas números. Outro na mesma linha é o “Memorial Vagalumes”. Criado por entidades ligadas aos povos indígenas, nasceu com o intuito de ser um memorial on-line das vítimas indígenas fatais da Covid-19. Por sua vez, o perfil do Instagram “Reliquia.rum” (em alusão à palavra relicário em latim) surgiu em março de 2020 com a proposta de registrar a memória de mulheres anônimas que foram transformadas em estatísticas. A diferença é que, neste caso, o registro da memória daquelas que morreram é acompanhado de ilustrações feitas com colagens sobre fotografias de mulheres brasileiras igualmente anônimas.

² Contudo, é necessário dizer que os obituários começaram a despertar a atenção de pesquisadores brasileiros de diversas áreas do conhecimento (das ciências sociais à linguística). Entre eles, poderíamos citar Semmler e Daros (2018), Morais (2017), Vieira (2014), Cimminiello e Tambelli (2012), entre outros.

³ Tal pensamento lembra uma velha máxima atribuída ao falecido jornalista do “*The New York Times*”, Abraham Michael Rosenthal, que na década de 1960 lançou a “pedra fundamental de uma nova era para a seção de obituários” do periódico norte-americano: a de que, “se tiver de morrer, é melhor morrer no *Times*” (Suzuki Junior, 2008, p. 289-292).

Tradicionalmente, a mídia tem sido o principal espaço de produção e veiculação de narrativas *post mortem*, cumprindo um papel não apenas de divulgação, mas também de homenagem, de ritualização e elaboração do luto, bem como de preservação da memória, dos feitos e das virtudes daqueles que morreram.

Um obituário, como diz Morais (2017, p. 24), “reúne a história do indivíduo”, assim como também expressa valores coletivos (Hume, 2000), sendo, portanto, influenciado pelo pensamento de determinado grupo. Desse modo, conforme também sustenta Santana (2011, p. 213), através “de esquemas de argumentação (*topoi*), os atores sociais responsáveis pela produção desses gêneros buscam validar a representação ligada ao *habitus* religioso de outros membros da sociedade por meio da exaltação de suas virtudes, qualidades e ações consideradas positivas para o modelo cristão”.

Tendo isso em vista, a questão que este artigo procura discutir parte da seguinte pergunta: além da homenagem póstuma em si, que aspectos da vida de quem morreu costumam ser ressaltados nas pequenas biografias publicadas na seção de falecimentos da “Revista Adventista” e que valores essas narrativas têm reforçado no imaginário adventista?

Considerando que essa revista mensal e de circulação nacional, impressa pela Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) no Brasil, já publicou mais de 15 mil notas de falecimento ao longo de sua história centenária, optou-se por limitar o corpus de análise a publicações feitas entre junho de 2020 (mês a partir do qual a revista começou a noticiar mortes provocadas pelo novo coronavírus) e setembro de 2021. Nesse período, a publicação ampliou o número de páginas da seção intitulada Memória para atender à crescente demanda de vítimas da pandemia da Covid-19⁴. Afunilando ainda mais, foram considerados especialmente os obituários que fizeram referência a vítimas da Covid-19 (108 em um universo de 345 divulgados nesse período). O acesso ao conteúdo se deu majoritariamente por meio do “Acervo Revista Adventista”⁵. No entanto, o corpus da pesquisa incluiu também as edições impressas da revista de agosto e setembro de 2021, haja vista que esses exemplares ainda não estavam disponíveis na plataforma virtual.

O presente artigo, portanto, divide-se em três partes: (1) um breve histórico da seção Memória da “Revista Adventista”; (2) uma descrição sucinta do desenvolvimento histórico do obituário como um gênero textual-jornalístico híbrido, mas, ao mesmo tempo, com características próprias; e (3) os resultados da análise documental, buscando identificar o modo como a vida dos mortos é retratada nas notas de falecimento desse periódico adventista brasileiro e os valores que costumam ser reforçados por meio dessas narrativas biográficas *post mortem*.

⁴ Em vez de uma, as edições de junho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro de 2020 reservaram duas páginas para a seção Memória. E, em abril e junho de 2021, chegou a três, fato bastante incomum, que levou a equipe do periódico a conceber um memorial *on-line* dedicado às vítimas da Covid-19 no cenário adventista brasileiro. O projeto foi lançado em 02 de novembro de 2021, Dia de Finados (IASD, s./d.).

⁵ A plataforma virtual do “Acervo Revista Adventista” reúne exemplares desde janeiro de 1906, data de lançamento da publicação, até maio de 2021, totalizando mais de 1.300 edições (CPB, s./d.).

Os obituários da “Revista Adventista”

O adventismo do sétimo dia pode ser definido como um movimento de orientação textocentrada (Novaes, 2016; Novaes, 2018), que desde as suas origens sempre investiu em publicações e no estabelecimento de editoras próprias.

A divulgação de falecimentos é uma prática presente nas publicações adventistas desde os primórdios da denominação. Mesmo antes de ser oficialmente organizado, em 1863, esse movimento religioso já introduzira informações desse tipo em seus primeiros periódicos denominacionais. É o que se vê, por exemplo, em edições de 1855 da “*The Advent Review and Sabbath Herald*”, precursora da revista impressa pela IASD até hoje nos Estados Unidos (Imagem 1)⁶.

Imagem 1: Publicação dos primeiros obituários adventistas



Fonte: Miles (1855, p. 159).

Produzida pela IASD no Brasil desde 1906, a “Revista Adventista” brasileira começou a publicar obituários em janeiro de 1908 (Spies, 1908, p. 8), quando ainda se chamava Revista Mensal (Imagem 2). No entanto, as notas de falecimento se tornaram mais frequentes aproximadamente uma década depois.

Mais tarde, a seção que já se chamou “O fim da jornada” (IASD, 1940, p. 15), “Dormiram no Senhor” (IASD, 1973, p. 22) e “Falecimentos” (IASD, 1997, p. 30), passou a divulgar, além do texto, também a foto do falecido. Como sugerem Hayashi, Maroldi e Hayashi (2021, p. 9), o registro visual, além de cumprir o papel de registro histórico, é também um reforço à lembrança não apenas de uma fisionomia,

⁶ O site “*Adventist Archives*” reúne documentos oficiais da denominação e disponibiliza a versão digitalizada dos principais periódicos publicados pela IASD desde seus primórdios. No caso do periódico em questão, estão disponíveis exemplares desde a primeira edição, de 1850 (SDAC, s./d.).

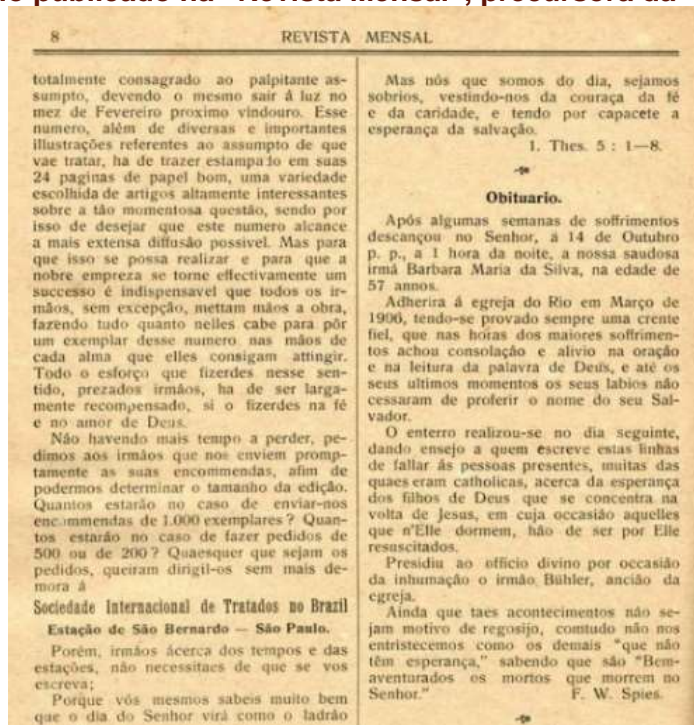
mas de uma vida. A presença de fotografias nas notas de falecimento da “Revista Adventista” pode ser vista em algumas edições já da década de 1940 (quando se tornou uma editoria fixa), mas ganhou regularidade nos anos 1950 e 1960 – desaparecendo e reaparecendo em épocas posteriores.

Nos seus primórdios, a seção era bastante econômica na descrição que fazia dos falecidos. Porém, com o passar do tempo os editores decidiram incorporar outras informações, como a *causa mortis* e, mais recentemente, as datas de nascimento e óbito, algo que está sendo feito desde janeiro de 2021.

Diferentemente do que ocorre nos periódicos que estabelecem critérios de seleção na publicação de obituários, conforme analisou Fowler (2007), a seção de falecimentos da “Revista Adventista” não tem um caráter seletivo. Com exceção dos casos em que não há informações suficientes, todas as notas de falecimento recebidas são publicadas (sem custo financeiro para a família), apesar de, em razão da demanda e do espaço limitado, algumas delas terem a publicação postergada.

Em influentes periódicos, como o “*The New York Times*”, a seção de obituários está entre as mais lidas (Suzuki Junior, 2008, p. 289). E com a editoria de falecimentos da “Revista Adventista” não parece ser diferente, conforme foi mencionado no editorial da edição de novembro de 2006 (Lessa, 2006). Em 2014, quando a editora que produz o periódico imprimiu um número especial – com as mudanças gráficas e editoriais que seriam implementadas a partir de janeiro do ano seguinte –, sem o obituário, alguns reagiram por meio de cartas. Uma delas foi publicada na edição de fevereiro de 2015, nos seguintes termos: “Apreciei muito o novo projeto da revista. No entanto, senti falta da seção Falecimentos” (IASD, 2015, p. 4). Diante disso, os editores da publicação tiveram que esclarecer que, na realidade, ela continuaria, porém com o nome que é mantido até hoje: Memória.

Imagem 2: Obituário publicado na “Revista Mensal”, precursora da “Revista Adventista”



Fonte: Spies (1908, p. 8).

Embora no início essas narrativas tenham sido chamadas na revista pelo nome de “obituário”, seu estilo se aproxima mais das notas de falecimento ou de pesar, que trazem basicamente o nome do falecido, idade com que morreu, data de nascimento/óbito, um breve histórico e, por fim, a relação de familiares que deixou (cônjuge, filhos, netos, etc.). Por sua vez, os obituários popularizados por grandes jornais ingleses e norte-americanos trouxeram inovações em termos narrativos, à medida que consagrados obituaristas tentavam transformar seus textos quase que em obras de arte jornalísticas. Ao mesmo tempo, alguns desses periódicos passaram a buscar maior aprofundamento na apuração das histórias (Suzuki Junior, 2008), tanto de celebridades quanto de pessoas “comuns”. Por isso, nas palavras de Leão Serva (2015, p. 18), obituários são “reportagens jornalísticas não habituais”, fruto de “um gênero peculiar da notícia”, ao passo que as notas de falecimento são bastante sucintas e geralmente enquadram as informações num padrão textual (Semmler; Daros, 2018).

No caso das notas de falecimento da seção “Memória” da “Revista Adventista”, o modelo seguido se assemelha ao discurso recomendado pela Igreja Adventista aos pastores que oficiam cerimônias fúnebres. No livro que traz esse tipo de orientação para o trabalho ministerial em tais circunstâncias, sugere-se o seguinte:

O sermone fúnebre e o obituário, planejados para honrar a vida do falecido, podem ser combinados numa só elocução ou feitos separadamente. O sermone caracteriza uma recordação mais longa em honra da vida do falecido; o obituário dirige-se primariamente aos dados fatuais como data de nascimento, da morte, nomes dos sobreviventes e alguns eventos notáveis de sua vida. Algum fato alegre e bem-humorado pode ser lembrado nessa apresentação, pois ajuda a acalmar a tensão do evento (IASD, 2010, p. 196).

Uma vez que se evitou neste artigo utilizar o termo “obituário” nas referências ao periódico em questão, faz-se necessário abordar um pouco mais o conceito “moderno” de obituário como gênero textual-jornalístico, a fim de esclarecer o motivo de preferirmos a expressão “notas de falecimento” ao tratar das narrativas fúnebres da “Revista Adventista”.

O desenvolvimento do obituário como gênero textual

Para Vieira (2014), o obituário “moderno” é um gênero textual específico, que se situa no universo mais amplo do espaço biográfico contemporâneo. O autor constrói a ideia de que se trata de um tipo de texto que se desenvolve a partir de relações (nem sempre causais) com outras formas de narrativas biográficas mortuárias. Por isso, ele argumenta que “epitáfios, legendas, elegias, eulogias e panegíricos, gêneros escritos e orais ao longo da história antecedem o obituário como possibilidade de representação da vida a partir do momento da morte” (Vieira, 2014, p. 24). Sendo assim, é útil esboçar um breve histórico do desenvolvimento do obituário até chegar aos modelos que passaram a ocupar seções fixas em periódicos jornalísticos e que depois foram transformados em livros/coletâneas, inclusive no Brasil.

Já na Idade Média era possível ver nos túmulos “referências à trajetória do falecido, às vezes com um retrato em referência a seu papel social, símbolo de sua individualidade” (Vieira, 2014, p. 24). No entanto, no período do Renascimento, formas mais sofisticadas de epitáfios floresceram na Itália e

posteriormente se espalharam pela Europa. A partir do século XVI, o hábito de registrar na superfície fria das lápides a memória dos mortos adquiriu novos contornos ao ganhar espaço também no papel. E no século XIX, a imprensa se tornaria, então, o principal veículo de disseminação de informações e imagens de natureza fúnebre (Vieira, 2014).

Embora não haja consenso quanto à origem propriamente dita desse gênero textual, alguns veem o contexto britânico como “berço” dos obituários modernos. Por exemplo, Fowler (2007), traçando a “sociogênese” dessas narrativas, considera que os primeiros textos do tipo, publicados em jornais e periódicos, apareceram em 1731 nas páginas da “*The Gentleman’s Magazine*”, revista que circulava em Londres. Já na “genealogia” proposta por Starck (2004) em um amplo estudo comparativo no qual analisou obituários publicados em jornais do Reino Unido, Estados Unidos e Austrália, os primeiros exemplos de obituário foram identificados em publicações da década de 1660 (portanto, quase um século antes) na Inglaterra.

Seja como for, seu desenvolvimento ocorreu em um período marcado por transformações sociais-históricas mais amplas. Na segunda metade do século XVIII, por exemplo, vê-se acentuar os “contornos da individualidade, as peculiaridades e singularidades dos sujeitos” (Rapchan, 2004, p. 294).

A valorização do indivíduo foi um fator muito importante para o ressurgimento do gênero biográfico. Falando especificamente sobre as biografias históricas, que também começaram a ganhar importância na segunda metade do século XX, Loriga (1998, p. 225-226) menciona que:

O desejo de estender o campo da história, de trazer para o primeiro plano os excluídos da memória, reabriu o debate sobre o valor do método biográfico. Nos anos anteriores, a maioria dos historiadores pensava que as classes populares não podiam ser objeto da história a não ser numa abordagem quantitativa: como dizia François Fruet em 1963, a noção de classes subalternas evocava toda uma ideia de quantidade e de anonimato. Contudo, entre o final dos anos 70 e o começo dos 80, a atenção pouco a pouco se deslocou da atividade econômica e política do camponês ou do operário para sua subjetividade e seu “vivido”.

Nos anos 1980, ao mesmo tempo que se registrava um crescimento explosivo no lançamento de livros biográficos com o selo de grandes editoras europeias e norte-americanas, também houve um novo *boom* na publicação de obituários nos países nórdicos. Em ambos os casos, conforme conclui Moraes (2017, p. 91), se começou a dedicar mais espaço às “vidas comuns e anônimas”, cujas trajetórias eram menos conhecidas, mas nem por isso sem importância.

Conforme já foi observado por Vieira (2014, p. 21), Starck não entrou no mérito da possível relação desse fenômeno com a “guinada subjetiva ocorrida no Ocidente tanto no universo acadêmico [...] quanto no mercado editorial”, mas não podemos ignorar que “a própria dimensão do sujeito enquanto valor discursivo recuperou-se de tal maneira que o biográfico passou a reinar em campos distintos do conhecimento”⁷.

⁷ No campo historiográfico, por exemplo, o território do coletivo, das estruturas de classe e das grandes temporalidades cedeu espaço para uma história menos despersonalizada.

Tipos de obituários, mudanças e tendências editoriais

Ao mesmo tempo que empresta elementos de vários outros gêneros discursivos, o obituário tem ganhado identidades narrativas próprias, sendo considerado um gênero discursivo autônomo (Semmler; Daros, 2018), que parece ultrapassar os limites do jornalismo (Morais, 2017), dialogando com vários outros gêneros, incluindo o literário e o biográfico.

Em certo sentido, os obituários, ou mesmo as notas de falecimento, não deixam de ser biografias em miniatura ou “biografias obituárias”, para usar um termo empregado por Moraes (2017, p. 11). Em mais ou menos linhas, essas narrativas mortuárias tentam captar a essência de uma vida. É preciso levar em conta que os variados tipos de obituários divulgados pela imprensa “correspondem a maneiras diferentes de reordenar os fatos das vidas dos obituariados” (Marocco, 2013, p. 373).

Na perspectiva de Marocco (2013, p. 373), há os que tratam de enquadrar essas histórias “em tecido ralo, de pouca espessura, cronológico e padronizado”. Esse tipo de obituário se aproxima do “modelo clássico” que, nas palavras de Suzuki Junior (2008), foi formatado pelo jornal londrino “*The Times*” (Marocco, 2013). Segundo o autor, esse estilo se inspirou nos moldes dos verbetes das enciclopédias, tendo como características principais a formalidade e o foco na trajetória de pessoas importantes. Ademais, eram construídos com base em textos enviados às redações de periódicos (Marocco, 2013). Na realidade, até o começo do século XX, boa parte dos obituários publicados nos jornais ainda “eram escritos por familiares e amigos e não por uma estrutura fixa e profissional de jornalistas” (Vieira, 2014, p. 28). Conforme sugere Martinez (2014), as notas ou notícias de falecimento se aproximam desse formato.

Porém, essas narrativas se profissionalizaram, por assim dizer, não apenas ao passar a ser produzidas por jornalistas, mas também ao focar o aprofundamento das histórias e a arte da narrativa, recorrendo a elementos do jornalismo literário (*New Journalism*)⁸. Como assinala Serva (2015, p. 21), trata-se de “decifrar em poucas linhas a essência de uma vida”. Martinez (2014) acrescenta que esse desafio passou a exigir dos jornalistas “perícia e sensibilidade”, predominando a ênfase “na qualidade da narrativa” (Serva, 2015, p. 19). Em outras palavras, “um texto escrito pela mão de um ‘artista’” (Suzuki Junior, 2008, p. 293). Por isso, em grandes jornais norte-americanos e britânicos a seção de obituários conta com alguns dos melhores redatores e é bastante visada pelos profissionais da imprensa (Serva, 2015).

Em “O livro das vidas”, que reúne uma coleção de obituários publicados nas páginas do prestigiado diário norte-americano, é mencionado que periódicos como o “*The New York Times*” abriram espaço para *obits* mais críticos, envolvendo “aspectos socialmente menos aceitos da vida dos biografados” (Suzuki Junior, 2008, p. 300). Nesse sentido, conforme comenta o mesmo autor (2008, p. 304), alguns jornais abandonaram o antigo preceito *de mortuis nil nisi bonum* (em latim, que pode ser traduzido como “dos

⁸ Nesse sentido, o jornal “*The Independent*”, lançado em 1986, abriu “as portas para o que é hoje chamado de a ‘revolução dos obituários de Londres’” (Suzuki Junior, 2008, p. 306). Isso porque os *obits* passaram a ser “menos convencionais, mais opinativos e literários” (Suzuki Junior, 2008, p. 306), tendência que depois foi seguida por outros jornais britânicos, como o “*Telegraph*” e o “*Guardian*”, e também por periódicos fora da Inglaterra.

mortos, só falar bem”). Diante disso, o uso de uma linguagem codificada por eufemismos foi um dos recursos de linguagem utilizados para amenizar a crítica e o julgamento.

Em seus estudos, Fowler (2007) contemplou essa variedade de estilos e perspectivas de abordagem dos obituários ao concluir que existem pelo menos quatro tipos básicos: (1) obituário positivo, expresso em tom elogioso, próximo da eulogia, que costuma retratar a vida dos heróis que representam os valores da nação; (2) obituário negativo, que assume a forma de um discurso crítico em relação à trajetória de figuras como ditadores, assassinos e corruptos; (3) obituário trágico, que retrata a vida de pessoas que tiveram trajetória ascendente, mas que em algum momento incorreram em uma “queda”, seja por conjunturas maiores ou decisões erradas; e (4) obituário irônico, que se utiliza da sátira (embora às vezes também do humor), como no caso de Simone de Beauvoir, retratada depois de sua morte como uma “falsa intelectual”. Porém, conforme acrescenta a autora, o modelo padrão tem sido o primeiro, isto é, a forma tradicionalmente mais positiva de narrar a vida do falecido.

Esses modelos popularizados pela imprensa dos países nórdicos também influenciaram a produção dos obituários brasileiros. E o jornal “Folha de S. Paulo” parece ter sido um dos primeiros a adotar esses padrões no país.

Os obituários só ganharam espaço na *Folha de S. Paulo* no início do século XXI. Antes disso, na seção muito objetivamente denominada “Mortes” havia apenas uma relação de nomes e referências sucintas. A partir de 2007, o jornal passou a publicar as pequenas biografias, tendo como modelo os obituários da imprensa anglo-saxã, cujo prestígio nos países em que saem é tanto que os grandes jornais chegam a fazer vários deles por dia (Serva, 2015, p. 19).

Geralmente, os obituários publicados pela imprensa brasileira com base nesse(s) modelo(s) são caracterizados por um texto biográfico que “narra a vida de um indivíduo normalmente não-famoso, mas com um certo destaque em sua comunidade” (Semmler; Daros, 2018, p. 3.002). Grosso modo, eles costumam se concentrar mais no “enredo de uma vida” do que no “momento final, a não ser que este tenha um grande significado para a biografia” (Serva, 2015, p. 19). Conforme já registrou Starck (2004) em sua tese doutoral, a ideia de que os obituários capturam a vida passou a determinar mudanças significativas no modo de escrita desse gênero textual. Como veremos, essa também é uma característica das notas de falecimento da “Revista Adventista”.

Os exemplos de vida na seção de falecimentos da “Revista Adventista”

Os obituários estão intimamente ligados à preservação da memória, assim como estavam os epitáfios nos séculos XV ao XVII, conforme constatou Philippe Ariès em sua análise histórica da morte no Ocidente. Ao mesmo tempo que alguns prezavam pela discrição, ao trazer poucas informações do falecido, era comum que se transmitisse para a posteridade, por meio das lápides, o legado de quem morreu. Assim, de acordo com Ariès (2014, p. 306), expressões como “à ou em memória de” ressuscitaram o sentido romano de trazer à lembrança “uma vida com suas características e seus atos; uma biografia”.

Se, em um primeiro momento, de acordo com o autor, a preservação da memória ganhou terreno na Idade Média motivada pelo dever religioso de imortalizar a vida dos santos e, posteriormente, pelo intento de conservar atos heroicos da vida pública, nos séculos XVI e XVII isso começou a ser atrelado à afeição familiar. Nas palavras de Ariès (2014, p. 306-307), “as virtudes santas, guerreiras ou simplesmente públicas já não eram as únicas a assegurar o direito à imortalidade terrena prometida pelos epitáfios”, de modo que as narrativas biográficas de motivação fúnebre passaram a ser também a expressão do sentimento da família – não apenas da vontade de quem morreu. Desse modo, a partir desse período, a família assumiu um papel importante na transmissão da memória. Dito de outra forma, “os familiares se cercam de toda possibilidade de representação da memória biográfica do morto, de forma a honrar sua existência e garantir sua perenidade simbólica” (Vieira, 2014, p. 83).

Em certo sentido, é o que também se percebe no caso da seção de falecimentos da “Revista Adventista”, apesar de algumas notas relacionadas a personalidades ligadas à organização (especialmente pastores e líderes da IASD, bem como escritores, professores, entre outros) às vezes serem redigidas e divulgadas por iniciativa dos próprios editores da revista a partir de informações veiculadas pela imprensa adventista⁹. Nestes casos, além de destacar a trajetória institucional dos sujeitos, com ênfase nos lugares onde trabalhou e o tempo de serviço dedicado à organização, o periódico costuma conceder um espaço maior (IASD, ago. 2021). Por exemplo, quando comunicou o falecimento do pastor Rodolpho Gorski, a nota trouxe um resumo ampliado de sua trajetória como pastor de igrejas no Rio de Janeiro e São Paulo, líder de jovens, diretor de departamentos e presidente de sedes administrativas da denominação.

Ao longo de 42 anos de ministério, ocupou diversas funções. Primeiro, trabalhou como pastor de igrejas no Rio de Janeiro e em São Paulo. Depois, serviu como líder de jovens. No período em que foi departamental dessa área na antiga União Sul-Brasileira (USB), promoveu grandes acampamentos e congressos, incluindo o primeiro Campori de Desbravadores no território paulista, em 1970, em parceria com o pastor José Silvestre. Em 1973, mobilizou muitas pessoas em ações evangelísticas e assistenciais no “Ano da Juventude”. Além de ter servido como secretário executivo da USB, o pastor Rodolpho foi presidente da Missão Brasil Central (1978-1980), da Associação Paulista Sul e da União Sul-Brasileira (1986-2001). Em sua administração no Sul do país, enfatizou o investimento na rede educacional adventista. Ele buscou aprimorar o sistema de gestão dos recursos e estruturou os internatos (IASD, abr. 2021, p. 47).

Semelhantemente, ao sintetizar a vida da biomédica Eliza Biazzi, o foco esteve mais em seu legado institucional (como autora de diversos livros na área da saúde publicados pela IASD no Brasil) do que propriamente nos traços de sua personalidade (IASD, fev. 2021). Contudo, embora geralmente essas narrativas sejam um pouco mais elaboradas, ocupem um espaço maior na página e revelem um caráter

⁹ Também é importante mencionar que, nos últimos anos, com a estruturação das assessorias de comunicação das sedes administrativas regionais da IASD, essas informações também passaram a ser remetidas por esses profissionais, via correio eletrônico, geralmente a pedido dos parentes do falecido.

corporativista, em geral elas reproduzem características comuns às demais, às quais refletem o propósito desses enunciados¹⁰.

O obituário cumpriu, historicamente falando, “não só as funções de respeito e memória do epitáfio, mas também as de outros gêneros fincados na confluência entre biografia e necrografia”. Entre eles, a eulogia e a elegia, cujas funções incluíam “oferecer um modelo exemplar de vida bem vivida” e “recordar o progresso e as conquistas de uma sociedade” (Vieira, 2017, p. 144-145).

Esse tipo de construção simbólica caracterizou, inclusive, seções de falecimentos/obituários de revistas como a do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN). Foi o que Luchetti (2017) concluiu ao analisar a seção de “Necrologia” do periódico dessa entidade. Sua pesquisa revelou que os “elogios fúnebres” publicados pela revista no período de 1906 a 1926 apresentavam vários elementos em comum, como o arquétipo de um cidadão ideal. Desse modo, foi possível perceber nas homenagens feitas sobretudo a figuras ligadas a determinados grupos (bacharéis, militares e religiosos) certos padrões de valorização de virtudes consideradas exemplares. Esses valores, norteadores dos princípios republicanos no início do século XX, incluíam o patriotismo, a liderança da família, o trabalho árduo e a humildade.

É verdade que os obituários carregam em si não somente múltiplos significados, mas também variados propósitos. Entre eles, o papel utilitário, isto é, de prestação de serviço (Semmler; Daros, 2018). Corroborando essa função, ao analisar notas de falecimento publicadas pela “Revista Mensal” no contexto da gripe espanhola (1918-1920), Novaes (2021b, p. 45) concluiu que os obituários “eram uma forma de informar à comunidade adventista o passamento de seus pares”. O que fazia ainda mais sentido num contexto em que a comunidade adventista brasileira era muito menor do que é hoje (Novaes, 2021a)¹¹.

Porém, essas narrativas vão além da função de informar e registrar a morte de alguém. Nesse ponto, Novaes (2021b, p. 45) acrescenta que, já nos primórdios da seção de falecimentos da “Revista Mensal”/“Revista Adventista”, “havia também um quê de celebração da vida por meio de uma descrição elogiosa, mesmo que breve, do perfil e dos feitos do falecido”, o que lembra, inclusive, a definição de Suzuki Junior (2008, p. 289), de que um obituário “é quase sempre uma ode à vida”.

Isso também pode ser constatado em outras publicações protestantes e evangélicas (especialmente as de missão, conforme a classificação utilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e na qual a Igreja Adventista também se enquadra. Campos (2016, p. 165) é um dos que argumentam que os “necrológios”, termo utilizado por ele para se referir aos obituários ou notas de falecimento, publicados pela imprensa protestante/evangélica, “ênfaticamente os aspectos positivos e morais da trajetória de vida do fiel falecido, eliminando conhecidas falhas eventualmente existentes”. Por isso, segundo ele, às vezes essas construções se aproximam do discurso hagiográfico. O autor acrescenta que é comum encontrar referências ao fato de que “os falecidos ‘combateram o bom combate’, e que

¹⁰ É pertinente mencionar que mesmo aquelas notas enviadas por familiares e amigos da pessoa falecida passam por um processo de edição, checagem, revisão gramatical e formatação de acordo com o estilo praticado pela revista.

¹¹ O Censo do IBGE de 2010 mostrou que a denominação tinha pouco mais de 1,5 milhão de fiéis. Esse é o dado de fonte governamental mais recente sobre a população de adventistas do sétimo dia no Brasil.

foram fiéis e modelos exemplares de fé até o último dia, quando então ‘entregaram a sua alma ao Senhor’ ou então, simplesmente, ‘dormiram no Senhor’” (Campos, 2016, p. 165).

Pode-se dizer que esse modelo tem sido reproduzido de maneira consciente/intencional pela “Revista Adventista” desde os seus primórdios, fazendo parte de sua linha ou política editorial. Seguindo, portanto, esse modo de narrar a vida de quem morreu, o periódico opta pelo registro de aspectos biográficos positivos, coerentes com os valores e o estilo de vida defendidos pela tradição adventista.

A “ênfase elogiosa” (Novaes, 2021, p. 60) das notas de falecimento da seção Memória, mais centradas na vida do que na morte em si, pode ser percebida, por exemplo, no obituário de Gesson Álvares de Magalhães, publicado em junho de 2021.

Apaixonado pela profissão, deixou uma marca de honestidade e excelência em seus alunos. É impossível esquecer seu contínuo bom humor, sabedoria, paciência, amor e generosidade. Nas homenagens que recebeu de instituições do Estado de Rondônia, foi descrito como “um cristão que amava a Deus, sua esposa e sua família”. Essa foi uma boa definição da sua existência. Tudo mais foi consequência (IASD, jun. 2021, p. 46).

A retomada do debate sobre o papel do indivíduo na história, o que também repercutiu nos caminhos do gênero biográfico (Schmidt, 2014) nas últimas décadas, culminou no que Annette Wieviorka chamou, em seu livro homônimo, de “era do testemunho” (Vieira, 2017, p. 147). O sujeito que escreve uma nota de falecimento (especialmente o familiar do morto) acaba assumindo, de certo modo, o papel de testemunha ocular daquela trajetória de vida. Mas, para além desse aspecto, as narrativas fúnebres da “Revista Adventista” também apresentam o aspecto do testemunho como um dever cristão. Esse fator assume, inclusive, um papel importante na descrição que as notas de falecimento da “Revista Adventista” fazem da vida do falecido.

Em seu estudo sobre os obituários, Moraes (2017, p. 91) constatou que, mesmo na imprensa dita secular, noções sobre sucesso profissional, “diluídas entre narrativas sobre a moralidade religiosa do indivíduo e a fé”, ganhavam destaque. Aliás, no entender de Vieira, a cultura protestante, especialmente, teve um papel importante na difusão de valores sociais e religiosos por meio de narrativas de cunho biográfico ligadas à morte. E, de acordo com o autor, isso esteve fortemente relacionado com a função da família no registro biográfico *post mortem*.

A eulogia foi por muito tempo a base formal para a escrita dos obituários. Boa parte dos obituários publicados nos jornais até o começo do século 20 eram escritos por amigos e familiares e não por uma estrutura fixa e profissional de jornalistas. Hoje, jornais menores seguem com essa metodologia, o que acaba mantendo o espaço da forma eulógica nos obituários, a despeito da já cristalizada tradição profissional (Vieira, 2014, p. 28).

No caso da “Revista Adventista”, a descrição elogiosa inclui não apenas traços de personalidade, mas também valores que a pessoa cultivava, o espírito de dedicação que manifestava e o engajamento missionário. Um exemplo nessa linha é o que lemos no obituário do cirurgião-geral e gastroenterologista Otoniel Ribeiro Meira Junior, publicado em agosto de 2020. Conforme foi destacado, ele dedicou uma longa carreira como médico em instituições de saúde administradas pela IASD e “destacou-se também

por seu espírito missionário e por dedicar-se à igreja local” (IASD, ago. 2020, p. 45). A atenção e o cuidado da família e de outras pessoas é outro aspecto frequentemente sublinhado (IASD, set. 2021).

Ao reunir os fragmentos ou peças da vida do sujeito também se percebe, às vezes, a tentativa de integrar essas peças num todo coerente. Isso fica evidente em enunciados como o que segue, extraído da nota de falecimento de um professor que ensinou Ciência e Religião por muitos anos em escolas adventistas: “Seu jeito de ser se explicava por sua educação e *hobbies* desenvolvidos desde a infância, como orquidofilia, numismática, filatelia, aquarofilia, viagens culturais, prática de esportes e, principalmente, a boa leitura, com destaque para a Bíblia e o livro *Educação* de Ellen White” (IASD, ago. 2020, p. 45).

Por sua vez, outra nota de falecimento destacou que, “desde cedo”, a pessoa havia demonstrado “forte espírito de liderança”. Como se lê no mesmo enunciado, o uso do “sempre” também é uma forma de dizer que durante boa parte da sua existência a pessoa agiu de determinada maneira, reafirmando assim, o seu *telos* (IASD, nov. 2020, p. 46).

A “fórmula”, por assim dizer, adotada pelo periódico, parece atribuir à história de vida da pessoa que morreu um papel de *magistra vitae*, como quando se diz que alguém “destacou-se por ensinar lições de amor, ética e humanidade” (IASD, ago. 2020, p. 45). Nesse sentido, um aspecto que também costuma ser sublinhado é o compromisso com a fé adventista. Isso inclui, entre outros fatores, elementos que apontam para a preservação da herança religiosa. Em algumas notas de falecimento foi destacado, por exemplo, o fato de a pessoa ter sido “parte da terceira geração de adventistas da sua família” (IASD, mar. 2021, p. 47; IASD, ago. 2021, p. 47). Outra pontuou que, “ao longo de 40 anos de adventismo”, a pessoa “exerceu várias funções na igreja”, destacando-se por ser “muito caridosa” (IASD, abr. 2021, p. 47); ou no caso de um colportor, distribuidor e vendedor de literatura, que ele havia sido um missionário da página impressa por 43 anos, tendo descansado com “o senso de missão” (IASD, ago. 2021, p. 47). Considerando essa forma de narrar a vida do morto, faz sentido, portanto, pensar que tanto nos obituários quanto nos funerais e nos epitáfios o discurso é sempre para os vivos (Campos, 2016).

Seguindo esse mesmo raciocínio, outro elemento que pode ser considerado característico ou identitário nas notas de falecimento do periódico em questão é o que poderíamos chamar de marcadores de fidelidade no adventismo. Em realidade, desde a primeira nota de falecimento publicada na precursora da “Revista Adventista”, o termo “fiel” já aparece (Spies, 1908, p. 8). Nas edições analisadas neste trabalho, foram encontradas diversas expressões nesse sentido, como “fiel adventista” (IASD, jun. 2020, p. 43), “foi um fiel soldado de Cristo”, “destacou-se por sua fidelidade aos princípios bíblicos” (IASD, jul. 2020, p. 44), “destacou-se por sua fidelidade nos dízimos e liberalidade nas ofertas” (IASD, ago. 2020, p. 44) e “foi fiel e atuante em vários departamentos da igreja” (IASD, set. 2021, p. 46). Esses e outros aspectos, como “bom testemunho” (IASD, out. 2020, p. 44), “assiduidade e pontualidade nos cultos da igreja” (IASD, ago. 2020, p. 45), “conhecimento das Escrituras” (IASD, jul. 2021, p. 46), engajamento missionário e apoio ao ministério pastoral (IASD, ago. 2021) retratam aspectos que, no imaginário adventista, parecem representar o que é ser um fiel membro da igreja.

Considerações finais

Como Dosse (2015, p. 123) lembra, “a biografia é um gênero antigo, que se disseminou tendo por base a noção de *bioi* (*bios*) e não se ocupa de retratar apenas a ‘vida’, mas também a ‘maneira de viver’”. Por isso, de acordo com ele, durante muito tempo, da Antiguidade à época moderna, o gênero biográfico “prestou-se ao discurso das virtudes e serviu de modelo moral edificante para educar, transmitir os valores dominantes às gerações futuras”. Para o historiador francês, as biografias foram, portanto, permeadas pela vocação universalizante embutida no intento de ser uma *magistra vitae*, isto é, mestra da vida (Dosse, 2015, p. 127-155). Da mesma forma que por meio da figura do herói ou dos grandes homens se propunha transmitir valores “universais”, as vidas exemplares também foram difusoras de ideais religiosos. Se esse princípio influenciou durante muito tempo (e, poderíamos dizer, até hoje) as grandes biografias, também parece ter exercido e continuar exercendo certo grau de influência na escrita dos obituários ou, como no caso analisado neste artigo, nas notas de falecimento. Para Hume (2000, s./p.), “um obituário destila a essência da vida de um cidadão, e porque é uma comemoração, bem como uma crônica de vida, reflete o que a sociedade valoriza e quer lembrar sobre a história dessa pessoa”.

A partir dessa análise documental foi possível perceber que as notas de falecimento publicadas pela “Revista Adventista” se concentram mais nos aspectos relacionados à trajetória de vida do que na morte em si, seguindo sempre um padrão elogioso. Em geral, conforme a linha editorial praticada desde os seus primórdios, o periódico costuma destacar virtudes e realizações da pessoa que faleceu, bem como o testemunho de fé, hábitos devocionais (como o estudo da Bíblia), o bom testemunho, o envolvimento e assiduidade nas atividades litúrgicas e o comprometimento missionário. Essas características refletem elementos do imaginário adventista quanto ao que é ser um fiel adventista. Desse modo, apresentam-se como legados exemplares, modelos de vida. Ao mesmo tempo que as biografias obituárias dizem respeito à memória de quem se foi, como uma homenagem, elas também cumprem papel importante em honrar a família do ente falecido, além de auxiliar no luto dos que ficaram. Tais percepções reforçam a constatação de outros estudos que demonstraram a capacidade dos obituários de sintetizar valores tanto individuais quanto coletivos e o papel da cultura protestante na difusão desses valores por meio de narrativas de cunho biográfico ligadas à morte.

Fontes

- IASD. Canal aberto. *Revista Adventista*, Tatuí, v. 110, n. 1.294, p. 4, fev. 2015.
- IASD. O fim da jornada. *Revista Adventista*, Santo André, v. 35, n. 4, p. 15, abr. 1940.
- IASD. Dormiram no Senhor. *Revista Adventista*, Santo André, v. 68, n. 5, p. 22, maio 1973.
- IASD. Falecimentos. *Revista Adventista*, Tatuí, v. 93, n. 1, p. 30, jan. 1997.
- IASD. Memória. *Revista Adventista*, Tatuí, v. 115, n. 1.358, p. 43, jun. 2020.
- IASD. Memória. *Revista Adventista*, Tatuí, v. 115, n. 1.359, p. 44, jul. 2020.
- IASD. Memória. *Revista Adventista*, Tatuí, v. 115, n. 1.360, p. 44-45, ago. 2020.
- IASD. Memória. *Revista Adventista*, Tatuí, v. 115, n. 1.362, p. 44, out. 2020.
- IASD. Memória. *Revista Adventista*, Tatuí, v. 115, n. 1.363, p. 46, nov. 2020.

- IASD. Memória. *Revista Adventista*, Tatuí, v. 116, n. 1.366, p. 42, fev. 2021.
- IASD. Memória. *Revista Adventista*, Tatuí, v. 116, n. 1.367, p. 47, mar. 2021.
- IASD. Memória. *Revista Adventista*, Tatuí, v. 116, n. 1.368, p. 47, abr. 2021.
- IASD. Memória. *Revista Adventista*, Tatuí, v. 116, n. 1.370, p. 45-47, jun. 2021.
- IASD. Memória. *Revista Adventista*, Tatuí, v. 116, n. 1.371, p. 46-47, jul. 2021.
- IASD. Memória. *Revista Adventista*, Tatuí, v. 116, n. 1.372, p. 46-47, ago. 2021.
- IASD. Memória. *Revista Adventista*, Tatuí, v. 116, n. 1.373, p. 46-47, set. 2021.
- MILES, Alonzo. Obituary. *The Review and Herald*. Rochester, v. 6, n. 20, p. 159, 09 jan. 1855.
- SPIES, Frederick Weber. Obituário. *Revista Mensal*. São Bernardo do Campo, v. 6, n. 1, p. 8, jan. 1908.

Referências

- ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.). *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Protestantes brasileiros diante da morte e do luto: observações sobre rituais mortuários. *Rever*, v. 16, n. 3, p. 144-173, set./dez. 2016.
- CPB. Acervo Revista Adventista. *Casa Publicadora Brasileira*. [s.l.]. Disponível em: <https://acervo.cpb.com.br/ra>. Acesso em: 18 abr. 2022.
- CIMMINIELLO, Maria Cristina Sperandio; TAMBELLI, Alba Lúcia Romeiro. Obituário: um gênero em construção? *Revista Interfaces*, v. 4, n. 3, p. 27-32, abr. 2012.
- DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: EdUSP, 2015.
- FOWLER, Bridget. *The obituary as collective memory*. New York: Routledge, 2007.
- IASD. Memória das vítimas da Covid-19 no cenário adventista brasileiro. *Revista Adventista*. [s.l.]. Disponível em: <https://memoria.revistaadventista.com.br/>. Acesso em: 18 abr. 2022.
- IASD. *Guia para ministros adventistas do sétimo dia*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010.
- HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini; MAROLDI, Alexandre Masson; HAYASHI, Carlos Roberto Massao. Reconhecimento científico e avaliação post-mortem em obituários acadêmicos da revista pesquisa FAPESP: estudo bibliométrico e de conteúdo. *Brazilian Journal of Information Studies: Research Trends*, v. 16, p. 1-32, 2021.
- HUME, Janice. *Obituaries in American Culture*. Jackson: University Press of Mississippi, 2000.
- LESSA, Rubens. Seção de falecimentos. *Revista Adventista*, Tatuí, v. 101, n. 11, p. 2, nov. 2006.
- LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, p. 225-249.
- LUCHETTI, Krishna. “Os conscios mais operosos e estimados no seio de nossa corporação”: os elogios fúnebres na revista do IHGRN (1906 e 1926). *Revista Práxis Pedagógica*, v. 5, n. 9, p. 18-28, 2017.
- MAROCCO, Beatriz. Fragmentos de vidas exemplares. *Revista Famecos*, v. 20, n. 2, p. 372-389, maio/ago. 2013.
- MARTINEZ, Monica. A vida em 20 Linhas: a representação da morte nas páginas da Folha de S. Paulo. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 37, n. 2, p. 71-90, dez. 2014.
- MORAIS, Deyvid Santos. *Vidas contadas: as biografias nos obituários de um jornal local*. 100f. Mestrado em Sociologia pela Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2017.
- NOVAES, Allan. The end has (not yet) come: the 1918 spanish flu and the COVID-19 pandemic in a brazilian seventh-day adventist bulletin. *Studies in World Christianity*, v. 7, n. 1, p. 26-47, fev. 2021a.
- NOVAES, Allan. Consolo escatológico: cemitérios, morte e porvir em relatos e obituários adventistas durante a Gripe Espanhola (1918-1920). *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 14, n. 40, p. 37-58, abr. 2021b.
- NOVAES, Allan. *O problema adventismo-televisão: uma análise do pensamento adventista sobre a TV a partir da tipologia de H. Richard Niebuhr em Cristo e cultura*. 325f. Doutorado em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2016.

NOVAES, Allan. Uma breve história da cultura visual adventista nos anos 1830 a 1860: o uso de imagens religiosas por um movimento de orientação textocentrada. *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*, v. 21, n. 1, p. 38-61, jan./jun. 2018.

RAPCHAN, Eliane Sebeika. Hannah Arendt – Rahel Levin: duas biografias, sujeito e espelho. *Cadernos Pagu*, n. 22, p. 291-327, 2004.

SANTANA, Fabíola de Jesus Soares. A retórica fúnebre: uma abordagem histórico-discursiva de epitáfios, obituários e memoriais virtuais. 227f. Doutorado em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2011.

SCHMIDT, Benito Bisso. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. *História*, v. 33, n. 1, p. 124-144, jan./jun. 2014.

SDAC. Office of archives, statistics, and research. *ASTR*. [s.l.]. Disponível em: <https://bit.ly/3xDq8s8>. Acesso em: 18 abr. 2022.

SEMMLER, Jonathan; DAROS, Sônia. A construção discursiva do obituário brasileiro no jornal Folha de S. Paulo. *Fórum linguístico*, v. 15, n. 2, p. 3.001-3.016, abr./jul. 2018.

SERVA, Leão (Org.). *Um dia, uma vida*: seleção de obituários da Folha de S. Paulo. São Paulo: Três Estrelas, 2015.

STARCK, Nigel. *Writes of passage: a comparative study of newspaper obituary practice in Australia, Britain and the United States*. Adelaide: Flinders University, 2004.

SUZUKI JUNIOR. Matinas (Org.). *O livro das vidas*: obituários do New York Times. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

VIEIRA, Willian. *O obituário contemporâneo nos jornais e nas coletâneas*: uma discussão sobre gênero textual e sociedade. 184f. Mestrado em Estudos Culturais pela Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

VIEIRA, Willian. Obituário ontem e hoje: do biográfico fast food a uma “literatura de jornal”. *Ilha do Desterro*, v. 70, n. 1, p. 143-159, jan./abr. 2017.